

# Stadium

N.º 280

14 de Abril de 1948

Preço: 2\$50

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTOS DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

Foto NUNES DE ALMEIDA



**Belenenses-Atlético:** Ao lado, num salto prodigioso, um «atlético» remata de cabeça, mas os belenenses defendem-se com energia. Sério já não largará a bola

**Benfica-Lusitano:** Em baixo, Júlio, apesar de carregado por Madeira, faz o remate, originando uma defesa fácil de Isaurindo

# Os problemas continuam de pé!

Crónica de TAVARES DA SILVA

**A** Tabela não sofreu grandes alterações. Continuam as mesmas dúvidas e incertezas. Até ao lavar dos cestos ainda é vinda... E isto quanto a todas as questões, tanto faz para o título como para os últimos classificados.

Nem outra coisa, de resto, era de esperar, visto não haver nenhum embate entre os Três Grandes! O resultado que exerceu maior influência na chamada classificação geral registou-se nas Salésias, com mais uma escoregadeira do Belenenses. E o team que, indiscutivelmente, ainda há pouco tempo estava numa situação óptima — parece querer deixar o S1 esconder-se... Vamos aos resultados:

|                    |                     |
|--------------------|---------------------|
| Belenenses . . . 0 | — Atlético . . . 0  |
| Benfica . . . . 6  | — Lusitano . . . 1  |
| Boavista . . . . 2 | — Elvas . . . . . 0 |
| Olhanense . . . 1  | — Estoril . . . . 4 |
| Sp. Braga . . . 1  | — Sporting . . . 3  |
| Académica . . 0    | — Porto . . . . . 1 |
| Setúbal . . . . 1  | — Vitória G . . . 1 |

Os números traduzem luta animada. A sua igualdade é sinal de equilíbrio. Não houve, propriamente, surpresas, pois o empate das Salésias deverá aceitar-se como desfecho ao alcance do Atlético. Este, talvez por viver junto de Belém não se diminui contra o Belenenses. Pelo contrário, agita-se e vale mais.

Os números mais desvelados (o 6-1 do Benfica contra o Lusitano) também se aceitam sem admiração, e muito mais ao saber-se que os algarvios jogaram quase todo o encontro com 10 unidades.

A façanha do Estoril parece ser o score mais impressionante, pelo que revela sobre o estado dos algarvios. Mas um homem como Grazina faz ainda muita falta, especialmente quando não há substitutos à mão capazes de preencher o lugar — sem os titulares serem recordados...

Registe-se a vitória do Boavista ante um Elvas desfalcado. Ainda

o esforço desenvolvido por Braga e Coimbra contra adversários categorizados. O desafio de Setúbal teve um excelente desfecho para Guimarães. Esta equipa vem, no fundo, acumulando triunfos, e parece plena de moral. Assinalamos o facto com prazer, visto tornar-se muito mais agradável ver o onze subir do que descer...

Este campeonato, com as suas enormes exigências, não é para equipas que dispõem somente de onze unidades. É indispensável ter reservas à mão de categoria para tapar as mazelas que, infalivelmente, a dureza da Prova provoca.

A 20.ª jornada não forneceu futebol de qualidade. Deu-nos mais energia e entusiasmo do que articulação. Um dos elementos que mais contribuiu para esta qualidade foi o vento que, soprando forte em alguns campos, não foi dominado pelos jogadores.

Há quem diga que o futebol não deve ser encaminhado no sentido exclusivo das táticas. Ainda que os jogadores devem aperfeiçoar-se no domínio de bola e na arte da passagem e do remate. Parece-nos que isto nem tem discussão. Uma coisa é o complemento da outra. O domínio de bola e a arte de chutar estão na base do jogo. Só com estes atributos conseguirá o jogador dominar certos elementos, entre os quais o vento.

Andam os treinadores e os críticos a dizer há muito tempo que a melhor forma de fugir ao vento é depôr a bola no terreno e jogá-la rasteiro, e andam os jogadores a fazer o contrário de desafio para desafio. Parece-nos que tal resulta da falta de domínio de bola, e estamos no sector aberto da técnica, e por isso deve insistir-se no aperfeiçoamento individual do homem considerado como jogador.

O praticante da bola bem sabe o que lhe compete fazer em tais emergências, mas a verdade é que não é capaz de o fazer.

Os desafios mais interessantes

disputaram-se em Braga, Coimbra e Setúbal. Estamos no campo das relatividades, é evidente.

**N**as Salésias, para não fugir à regra, os jogadores não venceram o vento, posto que o Atlético o pretendesse com mais afinco que o seu adversário. Houve jogadas de lado-a-lado bem concebidas, especialmente a meio do terreno. Mas o Belenenses mostrou-se inimigo cerrado do futebol prático. De que serve, na verdade, articular bem os lances até à zona perigosa, para aí se perder todo o esforço?

O desafio teve duas caras, uma a favor do Atlético e outra pelo lado do Belenenses. No segundo tempo, os atléticos mostraram-se nitidamente cansados, e o facto não passou despercebido aos de Belém — que caíram a fundo... Mas o frio central azul perdeu todas as oportunidades, e o Atlético pôde recolher a casa contentíssimo da vida.

As alegrias de uns são a tristeza dos outros! Nunca se sabe o que se vai passar, ao certo, num desafio de futebol, e é isso que torna o jogo ainda mais aliciente. Por exemplo, não bastava ao Lusitano derrotar um adversário mais categorizado, mas ainda por cima havia de cair-lhe uma desgraça em casa, a inutilização do seu avançado-centro que, aliás, nos dizem ser elemento habilidoso.

A característica do encontro tinha necessariamente de ser esta: ataque persistente do Benfica e defesa voluntariosa do Lusitano. Os benfiquistas fizeram movimentos de jogo excelentemente delineados, com toda a equipa ao ataque, e, jogando sem pressas, com certa harmonia. Os algarvios defenderam-se com entusiasmo, no desejo de não se deixarem esmagar.

Menos acentuadamente, o desafio Boavista-Elvas teve características semelhantes. Os elvenses, apresentando-se sem Calejas, Sousa, Rebelo e Patalino, não podiam ter grandes velocidades, acclatando-se perfeitamente que tivessem sido subjulgados. Resam as críticas que os números não dão conta do domínio exercido pelos boavistas. A defesa elvense teve de se haver, golpe-a-golpe, com o ataque dos portuenses — que jogou com desembaraço e vivacidade, e em toda de conjunto.

Para cúmulo, dois elvenses, Galinho e Augusto, magoaram-se, e isso ainda permitiu maior facilidade de movimentos do adversário, que, diga-se, tem demonstrado boa articulação. O Boavista é uma equipa que se caracteriza pelo nível do seu conjunto, e em que todas as unidades jogam com dedicação e procurando acertar e colaborar.

Trata-se de uma equipa no getido do Estoril que, no Estádio Padinha, conquistou uma bela

**Stadium**  
REVISTA DESPORTIVA

Redacção e Administração  
**RUA DA ROSA, 252 - 1.º**  
Telefone 51157 — LISBOA

Director e Editor :  
**DR. GUILHERMINO DE MATOS**

Chefe da Redacção :  
**TAVARES DA SILVA**

Propriedade da  
Sociedade de Revistas Gráficas, Lda.

NEOGRAVURA, LIMITADA  
SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

vitória. Em Olhão não foram muitos os lances ordenados, jogando-se um pouco no estilo de meia bola e força. Mas não há dúvida que o Estoril soube aproveitar-se magnificamente do vento, caindo a fundo sobre um adversário que apresentava visíveis brechas na defesa. O trio central jogou de modo perigoso e prático, e o Estoril impôs-se desde o começo.

Certamente, os algarvios exerceram domínio territorial no segundo tempo, mas o Estoril marcou razoavelmente os avançados do Olhão, e estes completaram a obra dos lisboetas — desperdiçando várias oportunidades. A falta de remate que se nota em quase todas as linhas deanteiras é ainda uma consequência directa da falta de domínio de bola.

O mesmo se verificou em Braga, no desafio entre os dois Sportings. Os bracarenenses desenvolveram lances de bom estilo a meio do campo, driblando em boa medida e evitando a entrada do adversário pela entrega da bola no momento preciso, mas, uma vez chegados à grande área tornaram-se ineficazes. Julgamos que para tal deve ter contribuído o saber de experiências feito de Cardoso, o defesa que é capaz de jogar de olhos fechados.

Por seu turno, a linha deanteira do Sporting não se perdeu em coisas artísticas, mas foi direita ao fim. O seu avançado-centro teve uma influência no que se passou, pela maneira como distribuiu o jogo e pela forma como finalizou as jogadas.

Em Coimbra, o Porto conseguiu o triunfo no golo solitário de Araujo, ao faltarem sete minutos para o fim. Isto é mais eloquente do que aquilo que poderíamos dizer; atesta luta viva, animada e dinâmica. Ambos os teams, na verdade, procuraram encarnadamente a vitória, e esta veio a sorrir ao Porto — como poderia ter escolhido a Académica. Mesmo depois do golo de Araujo, os estudantes lançaram-se a caminho das balizas, mas sem êxito.

O Porto mostrou-se equipa um pouco superior (reportamo-nos tão somente ao encontro do Loreto!), mas o seu ataque, aliás, pouco desenvolvido, encontrou no plano defensivo do adversário uma muralha sólida. Vigiado constantemente Araujo, e é justo enaltecer nessa tarefa o médio Azeredo, o ataque portuense sentiu os efeitos dessa marcação.

Já a deanteira dos estudantes

## Tabela de pontos

|                      | CASA |    |    |    | FORA  |    |    |    | TOTAL |    |    |    |       |    |
|----------------------|------|----|----|----|-------|----|----|----|-------|----|----|----|-------|----|
|                      | J.   | V. | E. | D. | B.    | V. | E. | D. | B.    | V. | E. | D. | B.    | P. |
| Benfica . . . . .    | 20   | 9  | —  | 1  | 39-9  | 6  | 3  | 1  | 34-18 | 15 | 3  | 2  | 73-27 | 33 |
| Sporting . . . . .   | 20   | 9  | —  | 1  | 42-13 | 7  | —  | 3  | 27-17 | 16 | —  | 4  | 69-30 | 32 |
| Belenenses . . . .   | 20   | 8  | 2  | —  | 37-6  | 6  | 1  | 3  | 20-14 | 14 | 3  | 3  | 57-20 | 31 |
| F. C. Porto . . . .  | 20   | 7  | 2  | —  | 32-11 | 7  | —  | 4  | 27-20 | 14 | —  | 6  | 59-31 | 28 |
| Estoril . . . . .    | 20   | 9  | —  | 1  | 49-15 | 3  | 3  | 4  | 22-24 | 12 | 3  | 5  | 71-39 | 27 |
| Atlético . . . . .   | 20   | 6  | 2  | —  | 37-23 | 2  | 1  | 7  | 19-28 | 8  | 3  | 9  | 56-51 | 19 |
| Boavista . . . . .   | 20   | 7  | 1  | 3  | 27-19 | 1  | 1  | 7  | 8-30  | 8  | 2  | 10 | 35-49 | 18 |
| Vitória (G.) . . . . | 20   | 6  | 1  | 3  | 23-18 | —  | 3  | 7  | 10-30 | 6  | 4  | 10 | 33-48 | 16 |
| Elvas . . . . .      | 20   | 7  | —  | 3  | 35-18 | —  | 2  | 8  | 11-35 | 7  | 2  | 11 | 46-53 | 16 |
| Lusitano . . . . .   | 20   | 6  | 2  | 1  | 14-12 | —  | 1  | 10 | 8-54  | 6  | 3  | 11 | 22-66 | 15 |
| Vitória (S.) . . . . | 20   | 4  | 3  | 3  | 18-19 | 1  | —  | 9  | 11-33 | 5  | 3  | 12 | 29-52 | 13 |
| Olhanense . . . . .  | 20   | 4  | 3  | 4  | 26-22 | —  | 2  | 7  | 14-35 | 4  | 5  | 11 | 40-57 | 13 |
| Sp. Braga . . . . .  | 20   | 4  | 2  | 4  | 25-21 | —  | 1  | 9  | 16-33 | 4  | 3  | 13 | 41-54 | 11 |
| Académica . . . . .  | 20   | 3  | 2  | 5  | 19-31 | —  | —  | 10 | 10-52 | 3  | 2  | 15 | 29-83 | 8  |

# QUATRO CLUBES apurados na 2.ª Divisão

Pronto: Foram já classificados 4 clubes para a fase final da 2.ª Divisão — F. C. Famalicão, Sporting da Covilhã, Cuf do Barreiro e Barreirense. A luta vai agora desenvolver-se entre duas equipas da A. F. de Setúbal, uma da A. F. de Braga e outra da A. F. de Castelo Branco.

Os resultados do apuramento, após a penúltima jornada, estavam mais ou menos previstos. Falava esclarecer a posição do Barreirense e do Portimonense, mas o empate dos algarvios no Barreiro e a vitória do Barreirense em Beja tirou todas as dúvidas.

Os resultados:  
Famalicão... 2 — S. C. Covilhã. 1  
Leixões... 3 — U. Coimbra... 0  
Cuf do Barreiro. 2 — Portimonense. 2  
G. D. Beja... 0 — Barreirense... 2

Apanhados os números, verifica-se que o Sporting da Covilhã, a despeito da sua derrota em Famalicão, ocupa o 1.º lugar da sua zona — 8 pontos e um gol de vantagem sobre o adversário. O Leixões não passou de 6 e o União de Coimbra conseguiu apenas 2 pontos.

Na Zona Sul, a Cuf do Barreiro aparece-nos isolada. Obteve 9 pontos, o máximo do torneio, ficando o Barreirense com 8, o Portimonense com 7 e o Desportivo de Beja sem qualquer número. Foi o único que, verdadeiramente, não contou para a prova.

## As meias finais da 3.ª Divisão

Disputaram-se em Faro e em Fafe os jogos da meia final da 3.ª Divisão, tendo-se verificado os seguintes resultados:

não funcionou com o brilho e a boa articulação de outras vezes (recorde-se o que se passou em Setúbal no primeiro tempo), não só devido à lesão de Alberto Gomes — um nome que fica ligado à Académica para todo o sempre! — mas por deficiências de ligação, demarcações e inúteis individualismos.

O desfiço de Setúbal também se pode afirmar ter sido uma partida renhida, e disputado o terreno palmo-a-palmo. Guimarães jogou melhor no primeiro tempo, e cedeu a vantagem territorial na segunda parte. Os setubalenses consumiram-se em passes sobre passes, excessiva dobragem, e não acertaram com as balizas — para o que contribuiu a boa distribuição de valores na defesa do Vitória de Guimarães.

**M**antem-se acesa a luta para o título. A questão continua a interessar aos

Três Grandes, mas a tendência é para excluir um deles da zona de interesse. O Belenenses deu um mau passo, estando agora a um ponto do Sporting (2.º) e a dois do Benfica (1.º). Quere-nos parecer que os próximos desafios — Sporting-Belenenses e Atlético-Benfica — vão

Fafe 3-Académico de Viseu 0; Faro 1-Cova da Piedade 1.

O resultado obtido pelos fafenses, embora no seu campo, pode livra-los de qualquer surpresa em Fontelo. Já o Desportivo de Faro, empatando no seu campo, deve experimentar novas dificuldades em Almada.

## Braga, Covilhanense e Ferroviários, eliminados na prova de júniores

Nos «quartos de finais» da prova de júniores verificaram-se os seguintes resultados:

Sporting de Braga 1-Leixões 2;  
Académica 2-Covilhanense 0;  
Sporting 6 Ferroviários 0; Elvas 1-Évora 1 (empate).

De interessante o facto dos elvenses e eborenses empatarem pela 3.ª vez, obrigando-se portanto a quatro desafios — caso que deve ser inédito na prova.

## Os desafios da «Taça Portugal»

Nos desafios correspondentes à eliminatória da «Taça Portugal», alguns resultados expressivos, poucos, denunciavam a existência de equipas capazes de boa classificação.

Os números da última jornada: Académico 4-Oliveirense 1; Vianense 4-Leça 1; S. L. Castelo Branco 1-Leões Santarém 1; Naval 2-Ginásio Alcobaca 1; Arroios 2-Oriental 0; F. Benfica 3-Onze Unidos 1; Reguengos 1-Moura 1; Boa Esperança 4-Portalegrense 2.

iluminar o problema. Pelo menos, reduzir o número dos *pronáveis*.

Por sua vez, o Estoril ficou a um ponto do Porto (4.º) — e vamos a ver como se decide esta pequenina questão entre os dois.

Na zona intermédia, do Atlético (6.º) ao Lusitano (10.º) nada há a assinalar de importância. Na zona de angustia mantêm-se as mesmas posições, mas a tendência é para a alargar. Certamente, a Académica continua tristemente em *último* e aparentemente a grande distância de Braga, o penúltimo, e mais nitidamente de Setúbal e de Olhã. Mas é inteiramente verdade que os setubalenses e os olhanenses ainda não se afastaram tão longe dos lugares do perigo — que não possam cair... De resto, para a compreensão total da posição de todos os concorrentes impõe-se um golpe de vista pela expressiva Tabela que publicamos. E veja-se também a arrumação dos participantes na próxima jornada:

Vitória G. Boavista.  
Elvas. O. Hanense.  
Estoril-Sporting Braga.  
Sporting-Belenenses.  
Atlético-Benfica.  
Lusitano-Académica.  
Porto-Vitória S.

# A corrida do Campo Pequeno

**D**irigiu a corrida de domingo no Campo Pequeno o antigo cavaleiro Justiniano Gouveia a quem logo de entrada pedimos que mandasse tocar para recolher o vento. Não fez caso. E fez mal, como abaixo verá o amavel leitor.

1.º «Parrita» ouve palmas ao levar a farpa a Simão da Veiga que brinda ao público.

O touro é do sr. Francisco Santos e dóe-se da 1.ª farpa. Simão recosta-o e aguenta-o e crava a 2.ª, apertado e com palmas.

O cavaleiro, para quem não existem mansos, engana-o antes e entra depois de cara para a 3.ª. Muda para um dos seus novos cavalos, cita a sessão e crava por dentro. Muitas palmas.

Uma peça de cara, por dois, que é mais seguro. Chamada ao cavaleiro e a um dos dois.

2.º Também Paquito Muñoz ouve palmas na «sorte» de entregar a farpa a António Luís Lopes que também brinda ao público.

O touro é gordo, também do sr. Santos, e Lopes, após bons cites de frente, crava por dentro. Continua entrando bem, sem que o touro meta a cabeça, e ouve palmas. Por fim cita à tira e crava. Palmas. E remata com um bom curso. Palmas.

Peçam três e fica um dos forcados. Chamada ao cavaleiro com o forcado que ficou.

3.º do sr. Cláudio Moura. «Parrita» lança na presença natural, e prejudicado pelo vento. Paquito Muñoz idem, idem. Bandarilham bem e depressa, os peões da quadrilha, da qual faz parte aquele «Pinturas» que foi de «Manoletes». «Parrita» brinda ao público — anticamente só se brindava com a condição de poder fazer alguma coisa. — Começa por baixo e pede água, para a «muleta», claro, que o vento escurece possibilidades de enganar o touro. Tenta a esquerda, e volta aos ajudados.

Não tem grandes «ganhas», o toureiro, mas termina ouvindo palmas de recordação por outras tardes.

4.º Mais pequeno, e nem «Parrita» nem «Paquito» o conseguem vencer com a capa, nem os peões com as bandarilhas. (Peões são todos os de pé, mas os «diestros» não se chamam assim no xadrez tauromáquico). Paquito acaba por sujeita-lo, mas por pouco tempo que o prodígio não quer sujeições. Paquito insiste e logra mostrar que é toureiro, e mete na al-

gibeira o público que o aplaude com justiça, adivinhando-o, e comentando-o durante o intervalo.

5.º — Simão faz todos os possíveis para o impossível de fazer investir o de J. Santos, conseguindo cravar à força de enganar. Crava ainda uma farpa, e outra, com alegria e arte de convencer os mansos. Parrita crava um curto de mérito e outro melhor.

Boa péga do cabo dos de Évora, e volta do cavaleiro de Montemor com o seu visinho alentejano.

6.º — António Luís aguenta acometidas e crava num aperto. Passada infrutífera para outra, de frente. E mais não pôde ser, por isto e por aquilo, etc. Palmas.

7.º — do sr. Cláudio de Moura. «Parrita» e Paquito saudam-no com a capa nos mesmos terrenos da presença natural, que é tática valente. Bem bandarilhado pela quadrilha que estes matadores azes modernos não o sabem fazer, sejam andaluzes ou madrilenos como estes.

«Parrita» começa por alto e, quando dava o 2.º por baixo, perde a «muleta». Mais dois «derechazos», depois dois estatúas, mais com a direita, correndo-a bem, «manoletinas» e olhando o público. Com a esquerda dá três e remata com o de peito. Ovação. Mais três naturais e mais um de peito. Entusiasmo. Simula bem, ouve palmas e dá a volta ao ruído, imitando «Manoletes» até na gravidade do andar e do agradecer seriamente.

8.º — Paquito recebe o último, e 4.º do sr. Cláudio Moura, com boas «verónicas». Palmas.

Bandarilhado pela quadrilha. Paquito começa por alto, depois de brindar no centro. Parado e erguido ouve merecidas palmas. Três naturais, num parando o touro a meio da arrancada sem que o toureiro se mova. Rejeita o touro, que é distraído, mas bravo, nobre e suave. Continua valente. «Manoletinas» mais apertado que as de «Parrita» e com sêlo próprio. E termina convencendo gregos e troianos, isto é, andaluzistas e os que não têm preferências regionais. Dá volta à arena e sae triunfador e deixando bom paladar para o tornarmos a provar. No entretanto, preparemo-nos para receber no Campo Pequeno, no próximo domingo, outro fino «diestro» que para nós tem a recomendação de ser português, Manuel dos Santos, que à mesma hora esteve triunfando em Santarém.

Regório Perez

## Stiks para hóquei

CANELEIRAS, LUVAS,  
JOELHEIRAS, BOLAS,  
PATINS, ETC.

Todos os artigos  
para desporto

CASA DESPORTO

RUA DA MADALENA, 196

Telefone 30606

## SEPARATAS da «Stadium»

Continuaremos no próximo número a publicação da nossa Separata — «O futebol é a minha profissão», do famoso jogador inglês Tommy Lawton — não b/m acollida pelo nosso público.

Publicaremos também, a partir do próximo número, regularmente, a página «No Mundo da Bola», por solicitação dos nossos leitores.

UM "ÁS" QUE VOLTA ÀS COMPETIÇÕES

# O DR. ALBERTO GOMES

num gesto dignificante, retoma a actividade para servir, mais uma vez, a ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE COIMBRA

## O PASSADO; O PRESENTE; O W. M.; E O PROFISSIONALISMO

O futebol goza hoje de uma aura de prestígio e popularidade, que interessa a todas as classes sociais. Podem determinados leitores estar alheios à sua técnica, mas todos conhecem os principais clubes, mórmente os portugueses sendo-lhe familiares os nomes dos jogadores de primeiro plano — muitas vezes mais conhecidos que os nomes de grandes políticos, sábios ou homens de letras.

Entre os valores positivos desta modalidade, voltou de novo a ser focado o dr. Alberto Gomes prestigioso «internacional» da Associação Académica de Coimbra — clube de nobres e gloriosas tradições que não devem ser esquecidas, interior-direito que se creditou como um dos melhores portugueses no seu lugar, e cujas actuações eram sempre um regalo para o espectador, mesmo que fosse adepto do clube adversário. Praticante fino, inteligente, de uma mobilidade desconcertante, deixou profundamente vinculada a sua passagem pelo desporto, onde revelou «classes» de forma segura e nitida.

Aos vinte e oito anos, ainda na pujança da mocidade e possuidor de óptimas qualidades que o impuseram como valor positivo, resolveu arumar as botas, trocando o ambiente tuidoso dos terreiros desportivos, pela atmosfera calma e aliciente que se desfruta durante as horas de aulas, nos estabelecimentos de ensino.

Terminado o curso, obtida a licenciatura, o jogador brilhante deu lugar ao professor competente, ao educador consciente e cuidadoso, no exercício da sua nobilíssima missão.

Tudo parecia indicar que o dr. Alberto Gomes, «acabara» para o futebol, ficando a perdurar na alma dos espectadores e dos seus colegas apenas a saudade. Mas eis-lo que volta a calçar as botas, quatro anos decorridos, num gesto de solidariedade e companheirismo, exemplo digno dos melhores elogios e revelador da mais límpida pureza de amor clubista!

Acompanhando de perto a vida da Académica, sofrendo intensamente com os desaires da equipa coimbrã, Alberto Gomes ofereceu-lhe os seus préstimos que são aceites com entusiasmo, dá nova armadura à sua vida profissional, e enverga outra vez a camisola da «Briosa», robustecendo com o seu prestígio e experiência o moral dos camaradas mais jovens da equipa que, presentemente, conta com o seu valioso concurso.

Bem haja, dr. Alberto Gomes!

### Uma entrevista? Talvez não...

Pelo que vimos de aduzir, procurámos o dr. Alberto Gomes, para arquivar-nos nas colunas desta Revista as suas impressões.

Receber-nos afávelmente, declarando-nos que só a muita consideração pela «Stadium» o levava a contrariar o propósito em que estava de não falar para os jornais. Sou um jogador do passado, — disse-nos. Já lá vai a minha época. Mesmo assim, em conversas amistosas durante o percurso Casa do Sodrê-Rossio e enquanto se saboreava um café no «Portugal» recolhemos afirmações curiosas que não podiam deixar de ser reveladas.

Fui «internacional» contra a França, alinhando em Paris, e contra a Suíça, jogo este disputado nas Salésias e em que averbámos uma vitória concludente por 3 bolas sem resposta — declaramos.

Proseguindo:

«Enverguei a camisola da Associação Académica, desde a época de 1936-1937 até 1943-1944, tendo ocupado na primeira época o lugar de avançado-centro; na temporada seguinte derivei para extremo direito, mas terminei a interior do mesmo lado. Daí por diante, nunca mais abandonei essa posição, quer na equipa do meu clube, quer na Selecção Nacional.»

### Recordações... e um «grande» jogador: Mourão

A conversa derivou para o passado... recordar é viver de novo. Evocámos desafios inesquecíveis, citámos determinados pormenores do jogo antes do sistema de marcação, comentámos alguns resultados obtidos pela equipa das «quinas» e, após uma longa digressão espiritual, o nosso interlocutor rematou:

— Entre tantos prêmios de que fui interveniente, há dois que firmei de forma indelével no livro das minhas lembranças: aquele em que os estudantes de Coimbra venceram o Sport Lisboa e Benfica, por 4 tentos a 3, (marquei o segundo da minha turma) levando para a cidade do Mondego, o título de vencedores da Taça de Portugal; e, ainda,

o Portugal-Suíça, em que também tive o grato prazer de «colar» às malhas, a segunda bola portuguesa.

Aproveitando o ensejo, quisemos ouvir do magnífico interior, qual a sua opinião acerca do extremo direito português que mais o impressionara até ao presente.

— Indiscutivelmente Mourão — asseverou-nos. Que me desculpem os novos a franqueza, Adolfo Mourão, ainda não tem substituto. Jogador finíssimo e consciente tinha uma «classe» maravilhosa, que patenteava exuberantemente cada encontro em que participava.

### Os argentinos de S. Lorenzo os melhores de todos... e uma aposta

O dr. Alberto Gomes tem uma facilidade de expressão que encanta e prende a atenção do ouvinte.

Do futebol nacional, saltamos para o



Alberto Gomes regressa à Académica! Ei-lo, no grupo que jogou em Setúbal. Ao lado vêem-se Tavares da Silva e o dr. Amorim Afonso, presidente da Associação Académica

não são os primeiros e os melhores de todos quantos vi, exceptuando os ingleses que, por não ter visto jogar, não envolve nesta apreciação. Se são artistas de circo, como lhes chamaram, ainda bem, porque são artistas da bola, e que artistas!...

A sua aparência e clareza de jogo causaram-lhe profunda impressão. A propósito citou-nos este caso curioso: Quando foi anunciado o desafio, teve ocasião de trocar impressões acerca da valia do conjunto do S. Lorenzo, sendo dispersas as opiniões. Antes de se deslocar para o campo, no dia da pugna, apostara cincocentos escudos, em como o resultado não seria favorável aos visitantes, por uma diferença mínima de cinco bolas. Decorrido algum tempo após o começo do jogo e mesmo com o Futebol Clube do Porto a ganhar por 2-1, rendeu-se à evidência da superioridade argentina e, sem qualquer hesitação, entregou o dinheiro ao amigo, tão certo estava de que as redes portuguesas seriam franqueadas em número superior ao estabelecido na aposta!

### A tática do W. M.

O sistema de marcação é um dos assuntos mais palpantes do momento, com evidência notória, depois da actuação da equipa do país vizinho, que derrotou os Chamartin, no passado dia 21 de Março, a selecção lusitana, por 2 a 0.

Auscultámos o antigo «internacional». As suas declarações merecem destaque ao conhecimento do público, sempre ávido por conhecer as ideias de individualidades com posição vinculada no desporto. Em síntese, disse-nos:

— O W M merece a minha simpatia. Tem utilidade no futebol que se joga actualmente, em que a mera improvisação foi substituída por um sistema definido. Todavia, entre nós que-re-nos parecer, existe, de uma maneira geral, a preocupação pura e simples, de cada um marcar apenas o jogador que lhe compete, descurando a tarefa construtiva, que é de primordial importância também. Admito, ainda, as iniciativas pessoais, de acordo com o desenrolar das jogadas e desde que sejam proveitosas para a equipa.

«Confesso que, quando o W M foi implantado em Portugal, estranhei bastante, acostumado como estava, a ter uma longa zona de terreno para movimentar-me, sem a vigilância cerrada de um adversário que, teimosamente, não se afastava de mim. Depois, adaptei-me, como era natural.»

(Continua na página 16)

PITTA CASTELEJO

O dr. Alberto Gomes conversa animadamente, em Lisboa, com o prof. Pitta Castelejo, que o entrevista...

# BENFICA VENCE LUSITANO



Meldo esgusta-se por entre os adversários, e provoca o pânico...

Fotos J. GARCIA

Um remate perigoso de Vitor Baptista; Arsenio segue a jogada...



Um remate por alto que Isarrindo defende



Os bracarenses também carregaram, mas sem finalidade prática. Azevedo defende!

## SPORTING passa em BRAGA



Jesus Correia é alvo da homenagem dos jogadores do Sporting de Braga, recebendo um presente



Uma defesa apertada de Azevedo

## A FESTA de homenagem AO ATLETA HERCULANO Mendes

- 1 — Herculano Mendes, brioso atleta, recebe as felicitações dos clubes e do atletismo português
- 2 — O grupo dos antigos do F. C. do Porto, que iluminaram o futebol português com a sua figura de grandes jogadores!



## Significativa homenagem

A forma como o povo da capital acolheu os bravos oquistas que regressavam de Montreux aureolados de mais um título de campeões mundiais, excedeu certamente, em entusiasmo e exultância, todas as possíveis previsões e revelou-se de características que demonstram a evidência, por um lado o elevado conceito da ideia desportiva e, por outro, o significado nacional que a gente portuguesa concedeu à vitória tão lusingamente alcançada.

Se os próprios organismos e altos poderes públicos se associaram às manifestações de homenagem, de forma a atribuí-lhes um cunho de nacionalismo justificado — o desporto é, e já não de hoje, um excelente embaixador propagandista das nacionalidades —, a grande e consoladora verdade, porém, é que a massa popular vibrou de irresistível vibração patriótica. Nunca se viu tão significativa consagração do desporto.

Quando, após a recepção pelo sr. Sub-Secretário de Estado da Educação Nacional no edifício do Ministério, os jogadores portugueses assomaram às janelas

para satisfazerem o anseio dos milhares de pessoas que se aglomeravam na rua, não foram apenas palmas e aclamações que os acolheram: toda aquela multidão, como se houvesse recebido uma palavra de ordem, clamou em unísono, silabando bem, «Por-tugal, Por-tugal! Por-tugal!».

É como se não bastara, a emoção patriótica popular subiu ao auge e as estrofas empolgantes do hino nacional romperam cantadas em coro, como naturalíssima expressão de um irresistível sentimento de portuguêsismo exaltado.

Grande tarde foi aquela, que ficará assinalada nos anais do nosso desporto que consagraram um triunfo que transcende de si próprio, porque só um conjunto de circunstâncias concordantes o tornaram possível; grande e inolvidável tarde, cujo panorama evidenciou quanto a actitude internacional do desporto pode colaborar na afirmação dos mais nobres sentimentos patrióticos, pondo a vibrar no mesmo ritmo tantos milhares de espíritos, sem outra ideia, outro pensamento, que não fosse o orgulho de serem portugueses.

## Honroso progresso

A valorização crescente dos resultados portugueses em provas de atletismo, teve este ano uma confirmação a que já se fez referência, mas que só agora se afirma de maneira definitiva: pela primeira vez desde sempre, uma marca alcançada com verdade por um atleta português figura na lista dos dez melhores resultados do ano.

A revista americana «The Amateur Athlete», órgão oficial da Federação dos Estados Unidos da América do Norte, publicou a sua clássica tabela anual e nela figura o resultado de João Vieira no triplo-salto, ocupando o décimo lugar, como segue:

Ahman (Suécia), 15.<sup>m</sup>26; Moberg (Suécia), 15.<sup>m</sup>15; Rauhio (Finlândia), 15.<sup>m</sup>14; Johnson (Suécia), 15.<sup>m</sup>07; Hallgren (Suécia), 15.<sup>m</sup>02; Avery (Australia), 14.<sup>m</sup>93; Miller (Australia), 14.<sup>m</sup>87; Agaj-kov (Russia), 14.<sup>m</sup>82; Larsen (Dinamarca), 14.<sup>m</sup>75; Vieira (Portugal), 14.<sup>m</sup>74.

Se considerarmos que na lista figuram quatro suecos e na competição olímpica apenas são admitidos três concorrentes por país; se eliminarmos o saltador russo, porque esse país não concorre aos Jogos, fica-nos a hipótese — mera hipótese, mas aceitável como base de cálculo — de um

homem susceptível de obter o oitavo lugar no campeonato olímpico.

A marca de Alvaro Dias no salto em comprimento, sendo embora uma das melhores da Europa, não figura na tabela, porque os dez melhores resultados da época pertencem a 6 americanos, um australiano, um africano do sul, um russo e um inglês da Guiana; o décimo classificado atingiu 7.<sup>m</sup>445, o que não está longe da marca do nosso campeão.

Por curiosidade completamos esta nota com a indicação dos melhores resultados do ano nas provas do programa olímpico:

100 m., Dillard, Lawler (E. U.), Mc. Kenley (Jamaica) e Bailly (Trindade), 10.3 s.; 200 m., Patton (E. U.) e Mc. Kenley, 20.4 s.; 400 m., Mc. Kenley, 46.2 s.; 800 m., Harris (Nova Zelândia) 1 m. 49.4 s.; 1.500 m., Strand (Suécia), 3 m. 43 s.; 5.000 m., Zapotek (Checo), 14 m. 8.2 s.; 10.000 m., Heino (Finl.), 30 m. 7.4 s.; 110 m. barreiras, Dillard (E. U.), 14 s.; 400 m. barreiras, Smith (E. U.), 51.8 s.; altura, Vessie (E. U.), 2.<sup>m</sup>03; comprimento, Steele (E. U.), 8.<sup>m</sup>075; vara, Smith (E. U.), 4.<sup>m</sup>455; peso, Fonville (E. U.), 16.<sup>m</sup>735; disco, Fitch (E. U.), 54.<sup>m</sup>76; dardo, Seymon (E. U.), 75.<sup>m</sup>82; martelo, Storch (Alemanha), 58.<sup>m</sup>66; decatlo, Volkov (Russia), 7.195 p.

S. C.

# A DESMARCAÇÃO

— uma das «dificuldades» mais simples do futebol

*Passa e desmarca-te. Torna a passar para o companheiro desmarcado e volta imediatamente a desmarcar-te.*

Esta é a teoria da desmarcação. Simples. Fácil. Compreensível.

Dentro dela cabe ainda outra teoria. Permanece constantemente desmarcado — seja na jogada em que directamente tomas parte, seja no lance em que não intervéns directamente.

Sem a desmarcação, o futebol continuaria a ser o mesmo jogo tamalatozo, atrebilatório, lento, pesado, monótono, latigante, que foi nos seus primórdios. Nem se sabe mesmo se seria hoje, como é, o rei dos Desportos, se nele esse sentido não houvesse feito tão grande evolução, a ponto de constituir, presentemente, o seu maravilhoso segredo e o seu maravilhoso aliciente.

Os argentinos são os mestres supremos da desmarcação artística. Os ingleses têm dela uma concepção mais fria, mas, por certo, mais incisiva e prática. Surpresa, pois, em relação aos sul-americanos; coisa fatal, irremediável, relativamente aos britânicos, o poder ou a magia da desmarcação é que empresta características ao seu e a todo o futebol bem jogado.

Se o passe é o elo natural de ligação, ela é o talero do seu movimento.

Portanto: *Passa e desmarca-te. Permanece constantemente desmarcado.*

A desmarcação tem a sua mecânica, e aliás simples, como ela própria.

Começa antes do jogador receber a bola. Ao recolher o passe, já o homem que o vai recolher deve encontrar-se em movimento para de qualquer modo ganhar sobre o adversário o «instante surpreendente» que é a base de todo o triunfo em futebol: no passe, na desmarca-

ção, na maresção e na antecipa-

ção. Um «sprint», iniciado no momento do jogador se deslocar da bola, para a endossar a um companheiro liberto, e concluído logo que haja alcançado o espaço de terreno também livre para onde a bola terá de ser dirigida, completará o resto.

Uma equipa sómente jogará bem se os seus homens forem executantes perfeitos da desmarcação. Só então essa equipa poderá dar-se a traçar a tela interminável de triângulos, o bordado coprichoso do jogo, de que os «sprints» são as infatigáveis agulhas.

Apesar da limpidez do seu raciocínio, da facilidade da sua engenharia, não deixamos de reconhecer, todavia, que a desmarcação é amo das leis do jogo que mais perturba, embaraça, enleia e confunde o jogador.

O caso do que se não apercebe prontamente da sua mecânica — é vulgaríssimo. O de que só tardiamente arranca para o «sprint» e não atinge no momento ou no ponto exacto, o vértice do triângulo que é indispensável desenhar, não é menos vulgar, como é também frequente o do jogador que se alheia do lance, à primeira ou segunda intervenção, por fadiga física ou atardimento mental.

Mas um dos factores que mais impede a perfeita execução da desmarcação é o do homem que não vai ao encontro da bola, e este consideramo-lo um dos mais importantes, quanto ao nosso futebol. Continuamos a observá-lo todos os domingos, inclusive no I Divisão...

Resaltará o erro da falta de confiança do jogador nos seus recursos técnicos, por apor mais fácil dominar a bola parado do que em andamento?

O certo é que ele se verifica amide...

E afinal, a desmarcação é dada singeleza impressionante. Só não dará pela sua espontânea simplicidade o jogador a quem não se disser, realmente, que ela é dada simplicidade espantosa.

Pensamos que é isto que se lhes não tem dito. Pelo menos, com a persistência e a insistência necessárias, até os acabar por convencer.

*Passa e desmarca-te. Torna a passar para o companheiro desmarcado e corre para o ponto onde ele voltará a passar-te a bola. Depois, permanece constantemente desmarcado.*

Haverá coisa mais simples?

Adriano Peizoto

A seguir: Aspectos parciais da desmarcação.

ARTIGOS DE SPORT E JOGOS

SPRIL

Rua do Loreto 34-2.º — LISBOA

Telefone 2 2797

Assinem a Revista Stadium

# ANDEBOL

## ACTIVIDADE INTERNACIONAL

**P**artem hoje para Barcelona os jogadores seleccionados para representarem Lisboa no encontro de devolução da visita que na passada época nos fizeram os catalães, batidos nas Salsésias por 2-1, com dificuldade.

A tarefa que cabe aos andebolistas da capital é bastante pesada e, sem querermos ser pessimistas, vemos o possível mas improvável a sua vitória.

O grupo seleccionado e cuidadosamente preparado por Acácio Rosa, formado provavelmente por Dêlio, Natividade e Mira; Nunes, Valério ou Miranda e Macara; Leonel, Parada ou Neves, Vicente, Pimentel Saraiva e Cela, é digno de confiança porque representa, de facto, a melhor formação de momento. O resultado que alcançar será preciosa indicação para a eventualidade do encontro Portugal-Espanha, proposto pela nossa Federação à sua vizinha depois da desistência espanhola do jogo que lhe competia disputar connosco em território português; e por esta acção já em principio.

De regresso da Catalunha, os jogadores lisboetas continuarão a sua preparação intensiva para o encontro que, aqueles escolhidos para o grupo nacional, irão disputar em França contra o vencedor do encontro França-Luxemburgo.

Esta partida esteve em risco de se

não celebrar, pois a Federação Internacional de Andebol, numa lamentável fraqueza de autoridade, temeu-se de uma reclamação dos países do grupo centro-europeu e lançou um bulião de ensaio pretendendo enviar a Austria jogar a Portugal.

A imediata atitude enérgica da nossa Federação por as coisas no seu verdadeiro lugar e a Internacional comunicou-lhe já por telegrama que o primitivo calendário seria integralmente mantido.

O grupo nacional, antes de abalar, realizará dois treinos formais, nos domingos 2 e 9 de Maio, o primeiro no Porto e o segundo em Lisboa, respectivamente contra o Futebol Clube do Porto e um mixto Sporting-Benfica.

Entretanto, o campeonato regional, condenado a sucessivas interrupções, — quando acabar ele, este ano? —, vai avançando jornada a jornada. No passado domingo não houve surpresas e os três comandantes da prova, vencendo facilmente os seus adversários, mantiveram a igualdade na pontuação.

Belenenses, «Os Treze», Sporting decidirão entre si a posse do título; não é provável qualquer deslize com os restantes competidores, que parecem de uma classe conjunta inferior.

José de Eça

# VOLEIBOL

## Vai visitar-nos o campeão de França

**E**stá já assegurada a visita, em princípios do próximo mês, da equipa da Universidade de Montpellier, campeã de França na época passada e cuja deslocação é promovida pela secção universitária da Mocidade Portuguesa.

Os visitantes defrontarão as equipas do Técnico, da Faculdade de Letras e do Instituto de Ciências Económicas, sendo possível que joguem também depois contra algum grupo clubista lisboense.

Rogozija-nos esta deslocação da forte equipa francesa, que vai permitir enfim um confronto in-

ternacional indispensável para ajuizarmos com verdade a nossa classe.

Considerada a eventualidade da presença portuguesa, em Setembro, no campeonato da Europa organizado em Itália e, melhor ainda, antevisita a possibilidade de se realizar em Lisboa o campeonato do Mundo, atribuído no congresso da Federação Internacional à Checoslováquia, mas que os recentes acontecimentos aconselham a trasladar, os encontros contra os «monpeliarianos» revestem-se de importância capital. Esperemo-los com impaciência, mas também com a esperança de uma ambicionada confirmação.

Entretanto, o campeonato de Lisboa, caminhando com a maior regularidade, entrou na segunda volta.

A meio percurso, só dois grupos, o do Técnico e o do Sporting, podem alimentar aspirações, embora estas sejam muito mais consistentes para o primeiro, que conta já uma vitória a seu favor.

Na classificação seguem-se o Benfica, o Estoril e o Ateneu, grupo de competidores perigosos para os dois «leaders», pois sempre capazes de provocar uma surpresa.

Na cauda do pelotão seguem o Lisboa, Ginásio, o Olímpico e o Belenenses, este parecendo condenado à pouca invejável posição de «lanterna vermelha».

José de Eça

# BASQUETEBOLE

## O Benfica e o Vasco da Gama comandam a classificação do Campeonato Nacional

**C**om os jogos Benfica-Belenenses e Atlético-Vasco da Gama, prosseguiu, no sábado, no Pavilhão dos Desportos, o Campeonato Nacional da I Divisão. A jornada resultou magnífica, não só sob o ponto de vista desportivo como sob o aspecto financeiro e de propaganda do basquetebol, o que veio confirmar, mais uma vez, aquilo que em tantas ocasiões aqui temos dito, sobre a extraordinária vantagem que pode haver em utilizar-se, sempre que possível, o esplendido recinto do Parque Eduardo VII.

A abrir o programa de sábado, o Benfica venceu, difficilmente, o Belenenses, por 37-36 e o

resultado traduz bem a emoção de que o jogo se revestia. Os «encarnados» principiaram a partida em bom andamento, mas o Belenenses nunca deixou que o adversário se afastasse muito. Assim, depois de fazer 1-0, o Benfica viu a sua acção dificultada pela forte defesa «azul», que anulou muitos dos seus ataques. Algumas lases de marcação nesta primeiro parte ilustram melhor o equilíbrio verificado: Benfica — 1-2, 5-4, 7-7, 9-9, 13-11, 14-13, 16-14 e 18-15. Após o intervalo, o jogo ganhou maior emoção, ainda, pois as duas equipas chegaram a vantagem apreciável, mas não souberam manter essa posição; finalmente, o encontro foi decidido por uma falta técnica, que Trindade transformou na vitória do seu clube.

No segundo jogo da noite, o Vasco da Gama realizou uma excelente exibição — talvez a melhor de quantos tem efectuado, em Lisboa — e venceu, merecidamente, o Atlético, por 44-34. A equipa portuense jogou, realmente, com grande acerto, dispondo à vontade dos campeões de Lisboa e superando-os em todos os capitulos — organização defensiva, poder de ataque, valor individual e ligação entre os componentes do «elenco». César, Pima e Valentim foram os principais artífices da grande vitória do seu clube, jogando e obrigando a jogar os seus companheiros. Em noite de tão boa inspiração, os vascaínos deliciaram a assistência com algumas lases de excelente jogo, fazendo-se o plaudir, constantemente, pelas suas lincas, os seus dribbles e as suas desmarcações rapidísimas e oportunas.

No Atlético, cuja equipa esteve irreconhecível, talvez Ernesto tenha sido o menos mau.

No terceiro desafio da jornada, o Flavia venceu o Olivais, no Porto, por 38-31.

Monteiro Poças

### Quer conhecer os campeões do Mundo?!

Uma reportagem de JORGE MONTEIRO

A partir do próximo número, «Stadium» começará a publicar uma série de reportagens, assinadas pelo nosso camarada Jorge Monteiro — o mais antigo cronista do óquei em patins — e subordinadas ao título geral de *Quer conhecer os Campeões do Mundo?!* — nas quais se foca a actividade desportiva de cada um dos jogadores que ganharam os torneios de Lisboa em 1947 e de Montreux no mês passado. Os irmãos Serpas, os grandes Correlas, Cipriano, Emídio, Lopes e Raio, assim como o seleccionador Prazeres e o suplente Soares, vão ser evocados, nas páginas de «Stadium», pelo nosso colaborador Jorge Monteiro, numa homenagem absolutamente justificada pela projecção da vitória de Portugal no campo do desporto mundial.

# DESSPORTOS

## Grande sortido de tudo para todos os desportos

Aparelhos de ginástica, bolas de futebol, raquetes, botas, luvas de boxe para treino e combate, etc., etc.

Campismo — Tiro — Pesca — Armas — Munições

Vendendo as melhores desde há muitos anos

**A. M. SILVA**

Rua da Betesga, 67 e 43-2. — LISBOA

Telefones 31313 - 31314

A casa que mais barato vende e melhor sortido tem

## A NACIONAL



Fábrica de malas, pestes e artigos de viagem

Aos desportistas grandes descontos

R. da Palma, 34-1.º — LISBOA

— Telefone 27928 —

Grandes saldos de malas ao preço do custo

José de Eça



Os campeões do Mundo, no festival efectuado em sua homenagem, no Pavilhão de Desportos

**FÉ CONFIANÇA! PORTUGAL!** Três palavras de ordem... Um símbolo! Três palavras simples — mas integralmente cumpridas — ditas, com sinceridade e esperança, pelo cap. Santos Romão, presidente da F. P. Patinagem, ao prof. dr. Leite Pinto, subsecretário da Educação Nacional, nas vésperas da partida da equipa nacional de hóquei em patins para Montreux. Repidas à vinda com satisfação — porque os valorosos hóqueistas lusitanos souberam manter íntegra a fé nos seus recursos, denotaram sempre confiança em si e dignificaram Portugal, cumprindo em absoluto aquelas palavras-promessas do chefe da missão.

A recompensa para a sua proeza tiveram-na, em grau sobejamente significativo, quando da chegada, ao aeroporto, do avião que os trouxe de Genebra.

Então, a multidão, porque era um verdadeiro mar de gente que os aguardava, vibrou unânime num sentimento inextinguível de patriotismo, misto de admiração e de respeito. e o espectáculo foi, realmente, bonito, vibrante e inolvidável! Os jogadores foram arrancados da pista e levados em triunfo aos ombros dos mais entusiastas — numa homenagem tão sincera como espontânea deste bom povo português.

A enorme força do desporto — haverá ainda porventura quem duvide?! — patenteou-se exuberantemente naquele fim de tarde. Esse dia — é conveniente fixá-lo; 6 de Abril de 1948 — ficará gravado a letras de ouro nos anais do desporto em Portugal; como, para a história do hóquei, a data de 28 de Março, Domingo de Páscoa, será igualmente memorável.

Nesse dia, batendo a Espanha e a Itália, em Montreux, os hóqueistas de Portugal confirmavam o honroso título de campeões do Mundo na modalidade.

Através das ruas de Lisboa, entre filas de povo, de gente de todos os matizes e de todos os sectores sociais, os triunfadores não cessavam de receber aclamações. E a manifestação culminou em apoteose — que era ainda a do primeiro acto de uma grande peça... — quando se atingiu o Ministério da Educação Nacional. Ai foi o delírio! Ao assomarem à janela do edifício — já depois de recebidos os agradecimentos da Nação — os campeões do Mundo puderam verificar, com satisfação, quanto o seu feito era apreciado; a multidão, em coro, sem que para tal tivesse sido sollicitada, rompeu a cantar o hino nacional!

Era Portugal inteiro a vibrar de contentamento pela voz humilde do povo de Lisboa!



Os júniores do Campo de Ourique e do Benfica, no festival de homenagem. Os



Os hóqueistas, campeões do Mundo, na homenagem que lhes foi prestada pelo Grupo Desportivo do Banco Espírito Santo



Uma fase do jogo dos júniores no festival do Pavilhão dos Desportos

Mas as homenagens não acabaram! Prosseguiram. E, por certo, hão-de continuar, ainda, por algum tempo... como é já os primos Corretas e Emídio foram saudados apoteoticamente à sua chegada a Paço de Arcos — que é uma terra de hóqueistas — o mesmo sucedendo, em Sintra, com Riano, Ralo e Velez. Por toda a parte, enfim o entusiasmo foi e é grande. Merito. Justificado. Plenamente justificado — pela áurea do hóquei lusitano e pela projecção internacional de uma vitória desportiva de tal retumbância.

Estas manifestações colectivas contentamento — que em Portugal são raras e podem quase ser consideradas fenómenos psicológicos — constituem, porém, vulgaridades no estrangeiro, onde os campeões são consagrados com mais frequência... até com mais proventos.

Recorde-se a propósito, que quando os futebolistas uruguayanos ganharam o torneio olímpico de 1928, em Amsterdão, o governo ofereceu-lhes, a cada um, um prémio pecuniário avultado (não se esqueça que eram... «amadores»!) e uma casa de habitação — entre outras recompensas; e a canadiana Barbara Ann Scott, actual campeã olímpica de patinagem sobre o gelo, mereceram os habitantes de Otava um luxuoso automóvel.

Poder-se-iam citar outros exemplos. Estes bastam.

Não merecem, pois, os hóqueistas portugueses todas as recompensas?! Achamos pouco tudo quanto se lhes faça. E se lhes dá

O segundo acto desta grande noite de consagração — a apoteose final virá a seu



O povo de Paço de Arcos recebe apoteoticamente os jogadores que conquistaram o Campeonato do Mundo!



*A apoteose da vitória de PORTUGAL NO CAMPEONATO do MUNDO de Montreux*



Os hóqueistas campeões são recebidos no Ministério de Educação Nacional pelo prof. Leite Pinto e pelo Director Geral dos Desportos, recebendo felicitações e cumprimentos



No momento da chegada ao Aeroporto



Foto J. GARCIA

A consagração! A Volta de Honra à pista do Pavilhão de Desportos, durante a homenagem aos gloriosos campeões do Mundo!

tempo... — verificou-se no Pavilhão dos Desportos. No mesmo sítio onde eles conquistaram o primeiro campeonato do Mundo. E onde, no dia seguinte ao da chegada, foram presenteados com um almoço pelo presidente do Município. Novamente — e então em jeito mais solene — os campeões sentiram quanto eram queridos e admirados a sua memorável façanha desportiva.

Receberam lembranças e escutaram ovações delirantes — que dir-se-iam intermináveis. Anéis de ouro, cigarreira de prata, apólices de seguro contra acidentes pessoais, estilográficas, taças e emblemas de ouro, muitos objectos, enfim, que lhes podem ser úteis pela vida fora.

Vão também receber a medalha de Educação Física, criada pela Câmara Municipal por ocasião dos Centenários. E hão-de receber ainda mais prendas...

Que eles, os bravos hóqueistas lusitanos, duplamente Campeões do Mundo e da Europa, afinal tudo merecem. Mas o que, como desportistas, mais devem apreciar, é a certeza de que a Nação soube corresponder inteiramente ao seu esforço — dando-lhes todo o aplauso pelo magnífico triunfo conquistado além-fronteiras.

Honraram Portugal. Dignificaram o desporto. Bem merecem, por conseguinte, da Pátria que lhes foi berço e que os não deve olvidar — como heróis que são das actualidades desportivas. Embaixadores do melhor quilate, desportistas da mais fina gema, os Campeões do Mundo de hóquei em patins podem usar-se de si e do seu nome de portugueses.

Fé! Confiança! Portugal! Três palavras de ordem... Um símbolo! Pois que esse valente punhado de rapazes — exemplo vivo a seguir pelos vindouros — continue cumprindo à risca o sentido daquelas três palavras simples. Ter fé — mas sempre! Denotar confiança — inalterável, e em quaisquer circunstâncias, mesmo que a adversidade nos contrarie. E honrar Portugal — principalmente, acima de tudo, com dignidade e esperança no porvir do desporto.

Jorge Monteiro



## Campeonatos Escolares

O campeonato escolar de remo — as primeiras provas de 1948 — que no sábado e domingo se disputaram ao longo da muralha da Junqueira constituíram uma grande afirmação do valor e da vantagem dos centros de remo da Mocidade Portuguesa, funcionando em Santo Amaro e no Poço do Bispo.

As regatas de sábado e domingo resultaram admiráveis, sem que no primeiro dia fossem prejudicadas pelo vento e por terem de remar contra a maré. O triunfo pertenceu à Casa Pia, largando em excelentes condições e afirmando no decorrer dos 1.500 metros boa capacidade técnica, que no entanto, contra todas as previsões, não demonstrou na regata da final.

Nesta, também em Yolles de 4, tomaram parte a Casa Pia, Machado de Castro, Ferreira Borges que havia ganho a 2.ª eliminató-

ria, Colégio Olissiponense e Escola Afonso Domingues.

Nesta regata as tripulações da Ferreira Borges e do Colégio Olissiponense houveram-se como gente grande, destacando-se ainda a de Afonso Domingues, que de início teve vantagem, mas cedeu a um terço do percurso. Em má posição remava a Olissiponense, que embalou para o segundo lugar com meio barco sobre o 3.º, Afonso Domingues.

Depois a Machado de Castro e a Casa Pia. A Ferreira Borges conquistou no final 3 barcos de vantagem.

A regata entre os Pupilos e o Instituto Industrial terminou com a vitória destes por 4 barcos de diferença, não arrumando os Pupilos a boa presença da época anterior.

A Escola Naval fez a sua prova sem competidor — a Escola Medicina Veterinária.

Fernando Sá

## A entrevista com o dr. Alberts Gomes

(Continuação da pág. 4)

Para concluir esta despretenciosa conversa, guardamos o assunto que nos obrigara a procurar o avançado da Académica.

Instado para que nos revelasse a razão determinante do seu regresso às pugnas de competição, ouvimos-lhe o que se segue.

— Arrumadas as botas, nunca pensei que, com convicção, as calçaria novamente para alinhar em desafios oficiais. Renunciei voluntariamente, quando entendi que chegara o momento aconselhado e, assim, passei a ser ape-

nas espectador, nos dias em que os meus afazeres profissionais o permitiam.

«Acompanhando de perto e com o maior interesse, o comportamento do meu antigo Clube, uma vez verificada a sua «crise» não hesitei em lhe prestar, o meu desinteressado e modesto concurso, condicionado às exigências da minha profissão, e pondo de reserva, a utilidade do meu ingresso na equipa, pelo desleixo e afastamento, que teriam de ser vencidos, em curto lapso de tempo, com treinos intensos e metódicos».

«Tenho muita honra e orgulho em servir a agremiação, que é um símbolo de clubismo desportivo. Todos nós componentes da turma de honra, despendemos o melhor esforço, para que o pavilhão da Académica, continue a merecer a mesma admiração e respeito, melhorando, se possível, a posição actual no Campeonato em curso. Este abaixamento do valor é comum a todos os Clubes que não acatelem com a necessária antecedência, o seu quadro de jogadores reservas. A resistência humana tem limites e um jogador não «dura» indefinidamente».

A concluir, teve este desabafo: — Aproveitem-se os jovens que revelam qualidades para a prática do futebol, porque a matéria prima não escasseia!

Nada mais se ventillou que tenha interesse para este artigo. O que fica escrito, é já suficiente.

No forte abraço de amizade com que nos despedimos do correcto jogador, que pelo seu «prumo se impôs aos adversários», — era frequente estes pedirem-lhe desculpa quando havia «choque» — ia não só o agradecimento pela gentileza que tivera para com a «Stadium», como também a admiração do desportista pela sua nobre atitude de clubismo.

P. C.

## Jorge Larsen perdeu com Rafael da Silva

depois de uma exibição infeliz

DIGA-SE o que se disser, o Pavilhão dos Desportos não constata chamariz bastante para o público do boxe. Pela terceira vez, assistimos a um espectáculo quase em família, no meio de um cenário excelente e com um programa razoável, que redundava numa manifestação desportiva desprovida de calor e entusiasmos.

Jorge Larsen, o campeão dos «meio-médios», deixou-se bater por pontos, ingloriamente. Durante dez assaltos monótonos aceitou um género de combate demasiado prudente, escondido atrás das lutas, procurando esquivar os jabs sucessivos que o rival lhe enfiava ao rosto, e o castigaram de modo sistemático.

Reconhecendo-se incapaz de contrapor à ligeireza de Rafael da Silva, ou de penetrar na sua cerrada guarda, um «contra» eficaz, devia ter procurado a batelha franca, sem tréguas, atacando os flancos em *swings* e dobrando à cara com *hooks* ou *uppercuts*, até que o seu rival, cansado de pedalar, descesse os punhos e proporelhasse outra variante de jogo.

Galherme Martins (acode-nos o seu nome à ideia neste momento) teria tombado do pedestal com mais beleza e emoção. Quanto a Silva, não nos revelou, além dos jabs, da guarda cuidadosa e da sua ligeireza, nenhum atributo notável.

Quando Larsen o colheia no maxilar, tombou na lona e veio ao de cima acasando o toque. É certo que triunfou sem favor, mas por carência de iniciativa do moçambicano e porque entre os dois estilos, paralelos e idênticos, o seu era, e é, o mais bem concebido e também o de maior rapidez de execução.

A técnica de Silva é simples: dois jabs seguidos e atrás deles um *hook* da direita. Fora disso, um sentido de oportunidade muito grande, de modo a não ser apanhado a descoberto e, por consequência, em condições de franca inferiorização.

O combate entre o francês Robert Astoin e Valente Rocha

foi, possivelmente, o mais animado de todos.

Tanto am como o outro batelham de longe e de perto, mas nunca aceitaram francamente a luta.

Astoin esquivou e bloqueou muitas tentativas do seu adversário, vindas de longe e não se deixou iludir com fintas, ingénuaes demais para a sua experiência. Mesmo assim, a vitória coube por pontos ao jogador nacional e o árbitro, aliás dos mais ponderados, enganou-se quando anunciou o empate, certamente sob influência do bom trabalho de neutralização do jogador francês.

O *match* entre Manuel Nanes e João Monteiro terminou pela desistência deste jogador, no início do sexto assalto. Monteiro principiava bem, manifestando muito mais agilidade, mas também muito menos variedade de golpes, acasando deste modo certa inexperiência.

Quando Nanes lhe acertou um bom golpe que produzia importante ferimento sobre os olhos, perdeu o ascendente que levava e daí em diante foi dominado. Nanes conseguia fazê-lo cair durante o quarto *round* e o quinto foi um martírio para o pequeno jogador de Cabo Verde.

A semelhança dos seus colegas de equipa, Monteiro revela as mesmas características de estilo: uma boa guarda, preferência pelos jabs mas pouca capacidade para variar e alternar os seus golpes que são essencialmente prudentes e desprovidos de animação.

Falte-nos referir ao desafio entre Kid Adriano e Marco Brito. Triunfou Adriano, por pontos, com justiça. Pendeu decisivamente em seu benefício a superioridade física dos seus músculos, coadjuvada por muito mais experiência de ringue. Brito aguentou-se com coragem e nisso vai todo o elogio que lhe podemos dispensar.

A abrir a sessão, Cláudio Correia venceu Pedro Silva por pontos (6 rds) ganhando o combate pelas suas qualidades combativas.

Rafael Barradas

## ARCADIA O DANCING N.º 1 — DA CAPITAL —

Apresenta as super-atrações: As 10 jovens do BALLET LALLA CASSEL

Em pleno triunfo os Principes do baile espanhol MERCEDES LEON-ALBANO ZUÑIGA

A estonteante e escultural bailarina MONA DORIS Mary Mely, Atlantida, Mercedes Romero, Lita-Anllel, Conchita Perez, Mabel Valencia

Música constante TOSELLI com o cantor pelas orquestras Aleixo Daque e ARCADIA

Abertura às 22 horas — 1.ª parte de variedades às 24,15 horas

# Em vésperas do Concurso Hípico de Mafra

## «Stadium» ouviu o major Salvação comandante do Depósito de Remonta



Major MANUEL SALVAÇÃO

VAl abrir oficialmente a temporada hípica de 1948 e essa abertura lar-se-á com o Concurso de Mafra que, de ano para ano, vem afirmando a sua categoria, devido não só aos primores da sua organização, da qual se encarrega exclusivamente o Depósito de Remonta, como também por nele habitualmente se inscrevem os nossos melhores cavaleiros.

Mafra dá-nos todos os anos um certame cheio de interesse, onde as provas são rijamente disputadas, num hipódromo aprazível e bem cuidado, proporcionando à assistência momentos extraordinariamente agradáveis.

O deste ano que, como no ano anterior, será o primeiro da

temporada, não lagirá à regra. Apesar de assim o julgarmos parece-nos curioso ouvir sobre o assunto e abalizada opinião do sr. major Manuel Salvação, dedicadíssimo comandante do Depósito de Remonta e figura primordial na organização do Concurso, que se realiza em favor da Assistência.

Contámos de ante-mão com a muita amabilidade do ilustre oficial, sempre pronto a atender as solicitações da imprensa e, mais uma vez, a nossa tarefa estava facilitada.

O sr. major Salvação a quem «Stadium» já devia inegáveis provas de muita simpatia, ouviu as nossas perguntas com interesse e prontificou-se, da melhor vontade, a elucidar-nos quanto ao Concurso Hípico de Mafra, do qual estamos separados apenas por alguns dias.

O nosso entrevistado iniciou assim as suas declarações:

—O Concurso está oficialmente marcado para 1, 2, 9 e 10 de Maio, mas dada a incerteza de datas quanto aos de Lisboa e Madrid, não me repugna ter de

o fazer em 24 e 25 deste mês e 1 e 2 de Maio próximo.

—Quanto à sua organização?

—O certame foi organizado de forma a não lhe tirar a característica de primeiro Concurso do ano, sem esquecer que, podendo ser também o único que antecede o de Madrid, deve ter um mínimo de provas que possa confirmar o valor dos cavalos pré-seleccionados para as provas internacionais.

E o sr. major Salvação, acrescenta:

—O programa comporta, pois, provas destinadas a cavalos confirmados e outras de intelação, abertas unicamente aos que não entram naquelas provas. Haverá ainda umas outras para cavalos debutantes e para os que se não classifiquem no Concurso.

—Não haverá então provas de intuição geral?

—Estão nesse caso as do 2.º dia, mas serão disputadas com «handicap» e as suas dimensões permitirão aos cavalos confirmados uma disputa em velocidade.

Enfim, estamos envidando todos os esforços para que o Concurso seja diferente dos anteriores e se torne o mais agradável possível.

Um dos problemas que mais preocupa os organizadores do Concurso de Mafra é, todos os anos, a dificuldade de meios de transporte entre Lisboa e aquela vila, o que torna difícil a ida a Mafra de muitos adeptos que residem na capital.

Abordado sobre este assunto

### Condições de assinatura

Pagamento adiantado

|                          |         |
|--------------------------|---------|
| Custo por número . . . . | 2\$50   |
| 3 meses, Esc. . . . .    | 32\$50  |
| 6 > > . . . . .          | 65\$00  |
| 12 > > . . . . .         | 130\$00 |

o nosso entrevistado diz-nos:

—Como era difícil fazer terminar as provas à hora das camionetas da carreira por aqui passarem, vou fazer o possível para que, pelo menos, haja uma camioneta de vinda e outra de regresso em cada dia de provas. Assim se facilitará a viagem a Mafra das pessoas que não dispõem de outro meio de condução.

—Diga-nos, sr. major: — se a equipa internacional estiver em Madrid o êxito do Concurso não será afectado?

—Se se der esse caso, adição-el, porque custa-me realizar o certame sem que aqui estejam os meus oficiais que fazem parte da Equipa Portuguesa.

A entrevista estava linda. O sr. major Manuel Salvação fala-nos ainda dos cavalos que há meses foi adquirir na Argentina e disse-nos estar plenamente convencido que no lote há óptimos cavalos de obstáculos e de corrida pois vieram bastantes com sangue inglês e alguns mesmo p. s. l.

—Diz-se ter vindo uma irmã do «Raso»? atalhamos nós:

—Veio efectivamente. Tinha uma grande habilidade para saltar mas morreu na semana passada com uma congestão intestinal. Mas vieram mais parentes com o mesmo ferro e saídos da mesma manada.

—Quando aparecerão? perguntamos a fechar a entrevista:

—Devem aparecer e debatar nos concursos de 1949.

Aqui têm os leitores o que, deere do Concurso de Mafra, nos foi dito pela pessoa que melhor nos poderia informar — o major Salvação, um homem a quem o hipismo nacional muito deve e que está intimamente ligado à história daquele Concurso.

Aguardemos alguns dias e a época oficial estará aberta.

Antas Teixeira

## COMPANHIA COLONIAL

## DE NAVEGAÇÃO

Assegura o serviço regular de passageiros e carga para a Africa Portuguesa e Brasil

e de carga para a América do Norte



## O melhor caminho

PARA V. Exa. SE TORNAR

UM BOM GUARDA LIVROS SEM SAIR DE SUA CASA

AO INSTITUTO LUSITANO DE COMÉRCIO  
RUA DA PALMA, 164 LISBOA-TELEF. 28034  
CORTAR E REMETER SEM DEMORA ESTE CLIPÃO

ENVIAR 2\$00 EM SELOS, PARA PORTE E DESPESAS

AO INSTITUTO LUSITANO DE COMÉRCIO  
RUA DA PALMA, 164 LISBOA-TELEF. 28034  
CORTAR E REMETER SEM DEMORA ESTE CLIPÃO

NOME \_\_\_\_\_  
MORADA COMPLETA \_\_\_\_\_

# JOSÉ BELTRÃO

## UMA GRANDE FIGURA DO DESPORTO QUE DESAPARECE

COM a morte trágica do capitão José Beltrão, desapareceu uma das maiores figuras do desporto equestre, um cavaleiro de incalçáveis qualidades que, quer no país, quer no estrangeiro, alcançara inúmeras vitórias, com as quais honrou bem o desporto nacional.

O seu entusiasmo pelo hípismo, os seus conhecimentos técnicos e o seu nunca desmentido espírito desportivo, guindaram-no a um lugar de destaque na cavalaria portuguesa e tornaram o seu nome e o seu prestígio bem conhecidos.

Foi nos hipódromos que começou a impor-se, neles alcançou vitórias de muito mérito, num deles encontrou a morte durante um treino. De lá saiu em coma e em coma esteve as quarenta e oito horas que mediaram até que o coração, exausto, parou definitivamente.

Naquele treino pairou bem alto o seu espírito desportivo. Não havia prémios em disputa. Havia apenas o interesse de provar que tinha um magnífico cavalo e que a sua carreira de concursista brilhante podia prosseguir com êxito.

O destino, bem caprichoso, não o quiz. O seu «Squalus», que ele já o habituara a vencer, pôs termo naquele obstáculo, feio e alto, a uma vida inteira dedicada com paixão ao desporto equestre. Foi um desastre de bem trágicas consequências.

O capitão Beltrão tinha uma biografia desportiva muito curiosa, já, de resto, publicada nestas colunas. Nela se contavam inúmeras internacionalizações visto que, fazendo parte da equipa nacional de 1928 a 1939, concursou em Nice, Roma, Madrid, Barcelona, Bruxelas, Londres e Berlim.

Nesta última cidade fez parte da equipa que ali disputou os Jogos Olímpicos de 1936 contribuindo em grande parte para o êxito da nossa representação.

Ganhou no estrangeiro numerosas provas, principalmente em Nice, onde em 1935 foi indicado como o cavaleiro mais bem montado da Europa. Tinha nessa altura a «Fossette» e o «Biscuit» em extraordinária forma, com os quais obteve os melhores êxitos da sua vida de concursista.

Cinquenta e oito primeiros prémios conseguiu ele arancar desde que debutou em 1925, contando com as cinco «poules» ganhas com o «Squalus» nesta época, a última das quais quinze dias antes do desastre fatal.

José Beltrão venceu seis provas em Nice, duas em Madrid e uma em Londres, Barcelona e Bruxelas. Na lista das suas vitórias figuram onze «Grandes Prémios» — Lisboa 1934; Porto 1929 e 1947; Figueira da Foz 1931 e 1934; Sintra 1930; Pedras Salgadas 1931; Viana do Castelo 1931; Caldas da Rainha 1934 e 1938; Cascais 1939.

Nos seus 25 anos de concursista José Beltrão evidenciou sempre o seu entusiasmo e interesse pelo hípismo, até nas alturas em que por falta de boas montadas lutava para se fazer, trabalhando sem desfalecimentos.

Este ano estava de novo bem montado. Muito havia a esperar dele, dos seus cavalos e do seu entusiasmo, que ainda revelou bem segundos antes do salto fatídico, já com a morte a rondar-lhe os passos.

O desastre emocionou profundamente quantos, como nós, a ele assistiram e impressionou inmensíssimo toda a enorme massa desportiva do país.

É que o capitão Beltrão era, pelos seus méritos, soberbamente conhecido e apreciado. O seu nome impunha o no-conceito do público.

Lamentamos sinceramente tão trágico acidente. Fica-nos no entanto a certeza de que o nome de José Beltrão, já bem vincado na história do nosso desporto equestre, perdurará na memória de todos com saudade e admiração.

Antas Teixeira



José Beltrão no «Squalus» num belo salto, no decorrer de uma das últimas «poules» que disputou



1

## ACADÉMICA — PORTO

1— Apesar do ataque em massa de Correia Dias e seus companheiros, Prates executa a defesa com agilidade e segurança

2— Uma passagem para Bentes cortada com oportunidade

3— Bentes não chegou a tempo, nem tão pouco Garçon, mais atrasado; Barrigana resolveu o conflito...



2



3

## BOAVISTA vence ELVAS



No círculo: um golpe de movimento junto das balizas do Elvas. Ao lado: um ataque do Elvas frustrado pelo adversário...

# O EMPATE DAS SALESÍAS

Rafael, que regressou ao grupo de honra, sempre voluntarioso, disputa a bola ao adversário



Feliciano foi batido; não conseguiu desarmar o adversário e este continuou no seu caminho...



# O EMPATE DOS 2 VITÓRIAS

Apesar do ímpeto do adversário, Machado defende com segurança



Armando remata, havendo a impressão de que a bola bate no corpo do adversário



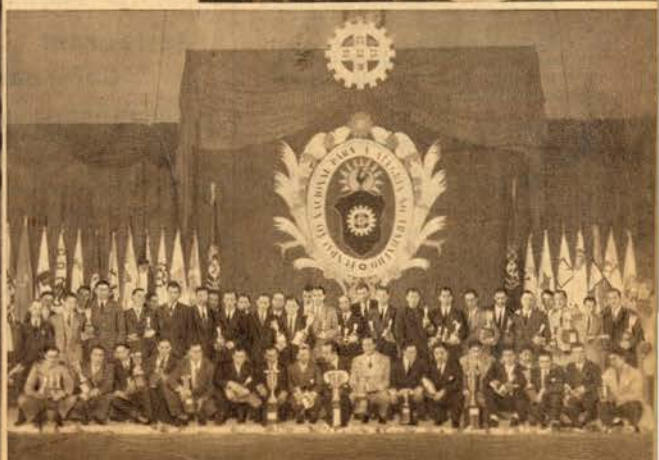
Fotos MANIQUE

Um lance movimentado junto das balizas do Vitória de Guimarães



# Os prémios desportivos da F. N. A. T.

Ao lado, o sr. eng. Higinio de Queiroz, tendo a seu lado o director do Peloure de Educação Física, sr. Francisco Mega, sauda os desportistas da F. N. A. T. Em baixo, o grupo de atletas que receberam prémios desportivos, taças e medalhas



# A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

## CICLISMO

### A Corrida Paris-Roubaix

Esta importante prova de estrada foi apatágio do ciclista belga Rik Van Steenbergen que venceu o francês Emilio Lée, por dois comprimentos, em 5 h. 35 m. 31 s., à velocidade horária de 43,996 Km.

## BOXE

### Van Dam próximo rival de Cerdan

Em Bruxelas efectuou-se o combate entre Luc Van Dam, campeão da Holanda, e o campeão belga Cirilo Delannoit, para designar o próximo adversário oficial do campeão da Europa, Marcel Cerdan.

Depois de uma luta muito áspera, durante a qual os dois homens se saudiram alternadamente, Van Dam conquistou o triunfo por pontos, ao décimo assalto.

Na mesma sessão, Jean Mougin campeão de França de «leves» produziu um excelente *match* com o titular belga da mesma categoria, José Preys, obtendo uma justificada vitória por pontos.

### Jo Weidm ganha por K. O.

No Royal Albert Hall, de Londres, efectuou-se o combate entre os dois pesos pesados, Weidm, austríaco, e Phil Van Nickerk, sul-africano. Depois de uma dura batalha, o austríaco saiu vencedor, por *knockout* ao 5.º round.

### Um argentino em progressos

Alfredo Lagay, peso pesado argentino, conquistou uma clara vitória por pontos sobre Jimmy Carollo, ao cabo de oito assaltos, na arena de Sunnyside Garden, Queens, na presença de três mil espectadores.

### Em Espanha

No Circo Price, de Barcelona, Luís Romero derrotou por fóra de combate, ao 7.º assalto, o francês André Benator. Na mesma sessão, Segura pôs K-O o nosso conhecido Teodoro González cuja decadência é evidente. González durou apenas dois assaltos ao seu adversário.

## NOTA DA SEMANA

As palavras, segundo diz o povo, são como as cerejas, isto é nascem umas atrás das outras, em catadupa, soltas, atraíndo às vezes o pensamento que as produziu. O calor da oratória, os arrabalamentos entusiásticos e culto das figuras de ornato gramatical predisõem, sensivelmente, a exageros capazes de provocar mal-entendidos e situações delicadas.

Recentemente, em Itália, aconteceu um facto que ilustra o conceito anterior. Durante o banquete íntimo do F. C. de Turim, a que assistiu o seleccionador nacional de futebol, Vitor Pozzo, este ilustre personagem proferiu um discurso inflamado, estimulando os jogadores daquele clube (a osalura da equipa de Itália, que enfrentou a França, em Colomnes) a «lirar a desforras dos seus insucessos bélicos».

Vários jornais transalpinos foram suficientemente indiscretos, citando algumas passagens do discurso da Pozzo, e a imprensa francesa logo tomou conhecimento das palavras impolíticas, desnecessárias e mal-aventuradas, do conhecido seleccionador nacional italiano.

O assunto tornou, bem depressa, proporções algo volumosas, que obrigaram o inflamado orador a esclarecer telefonicamente o sucedido, negando com enjase as levianas afirmações que lhe atribuíram. Posta em cheque, a imprensa italiana viu-se obrigada a desmentido, e o caso embrulhou-se com a publicação de um éco, assinado por Bruno Roghi, director do Corriere dello Sport, afirmando que no rebado de Colomnes a selecção de Itália não necessitava de armaduras bélicas nem capacetes de ferro, para se bater com galhardia e arrancar uma vitória desportiva.

Os franceses, porém, que ainda recordam a famosa «punhalada nas costas», de 1940, estão difíceis de engolir o arrebatamento de Victor Pozzo, cujas ideias políticas são demais conhecidas.

Entre nós, portugueses, succedeu há bem pouco, qualquer coisa um tanto parecida. Pessoa, ocupando um cargo de relevo, referiu-se ao belo triunfo dos jogadores nacionais de hóquei em palins em termos laudatórios, mas reduzindo os bons resultados obidos internacionalmente noutras modalidades, como o futebol, a esgrima e o hipismo, que nos Jogos Olímpicos se colaram brilhantemente.

Para elevar uns não será necessário esquecer ou deprimir os outros e, decerto, não era essa a intenção do orador. O que fica, infelizmente, é a palavra escrita ou proferida, atraíndo o pensamento de quem se expressou, levado pelo arrebatamento da oratória e transfigurado por um exagero fácil de compreender.

R. B.

## VALONGO

Convida V. Ex.ª a visitar o seu

Restaurant  
Café Bar

TREVO IMPERIAL, L. DA

Especialidade em fraterias  
e mercearias finas

CHALET TREVO

Avenida de S. Pedro  
Telef. 750 — Monte Estoril

## ATLETISMO

### O Cross das 5 Nações

A corrida classica denominada o cross das 5 Nações (França, Inglaterra, Irlanda, Gales e Bélgica) terminou com uma esplêndida vitória dos belgas, pela primeira vez em 35 anos. Em segundo lugar classificou-se a França e, depois, a Inglaterra.

Individualmente triunfou John Doms (Bélgica) em 54 m. 5,4 s., com 20 segundos de vantagem sobre o seu compatriota, Emilio Renson. O famoso Sydney Wooderson, que partiu favorito ficou em 14.º lugar.

## João Anjos

Condecorações

EMBLEMAS ESMALTADOS

Medalhas de Sport / Comemorativas e Religiosas / Insignias de marcas de automóvel

ESTABELECIMENTO

121, R. da Misericórdia, 123  
Telefone 2.8071

OFICINAS

R. da Alegria, 76-94—LISBOA

## FUTEBOL

### Em Inglaterra

A última jornada do campeonato divisionário da Liga Inglesa não trouxe alterações sensíveis, quanto à posição dos primeiros classificados, outro tanto não sucedendo aos clubes da cauda, seriamente embaraçados pelas perspectivas da baixa de divisão.

O Arsenal, derrotou o Blackburn Rovers (2-0), e como o Burnley foi batido pelo Everton (2-0), a vantagem pontual dos «artilheiros» é agora de 10 pontos que lhe asseguram o primeiro posto, quase de certeza.

O Derby County, com menos três desafios, segue em excelente posição, no encalço do segundo, levando à ilharga o Manchester United e o Preston N. E., mas este último tombou derrotado pelo Huddersfield e pouca sombra lhe pode fazer.

O Sunderland, empatando com Liverpool, disputa ao Charlton e ao Huddersfield a má-sorte de ter de descer à 2.ª Divisão. Todavia, parece que o mais condenado dos três clubes é o Charlton, cuja oposição vai ser muito severa. Os seus próximos adversários serão o Derby, Blackpool e o Burnley, todos altamente colocados e em boa forma, não se vendo possibilidade de alcançar qualquer vitória.

Na 2.ª Divisão, o Birmingham bateu Nottis Forest, consolidando o primeiro posto, mas para o segundo (que também foi mudança divisionária) a batalha prossegue. Sheffield Wednesday parece o mais capaz, embora o Newcastle tenha cinco pontos de avanço mas dois jogos a mais. O desafio entre o Sheffield e o Doncaster foi decisivo, favorecendo o primeiro e condenando o último a baixar à 3.ª Divisão.

### França, 1 — Itália, 3

A técnica, a rapidez, a improvisação e a mestria dos italianos aplicaram aos franceses um rude golpe em Colomnes. A «equada azul», praticando a tática WM, adaptou-se magistralmente às péssimas condições atmosféricas e fez o triunfo durante a 1.ª parte, na presença de 60.000 espectadores. Na linha dianteira destacou-se Gabetto, cuja certeza e potência de pontapé lhe permite fazer um primeiro golo, magnífico, à moda de Lawton. A seu lado, brilhou Carapellese e Menti, o ponta direita.

# na capital do NORTE

## MOSAICOS nortenhos...

### DUAS BOAS VITÓRIAS

#### PORTUENSES

A equipa do Sporting Clube de Vasco da Gama foi a Lisboa ganhar excelentemente ao seu campeão — o Atlético. Segundo a crítica, o campeão nortenho exibiu-se de maneira a merecer o resultado, que por certo, lhe servirá de estímulo. No Porto, também o Fluvial venceu o Olivais, de Coimbra, impondo-se como um «segundo» capaz e brioso.

Não só o basquetebol portuense saiu prestigiado. Os tenistas ganharam o último encontro regional, em Lisboa, tendo José Roquete, Nicolau de Almeida e Francisco Matos representado brilhantemente a capital do Norte.

### AS HOMENAGENS

#### A HERCULANO

#### E AO FALECIDO BALBINO

No último sábado, no Estádio do Lima, realizou-se uma simpática festa de homenagem: a Herculano Mendes, que parte brevemente para a América do Norte e se despediu do atletismo; e a José Balbino da Silva, o falecido internacional de futebol.

Jogaram dois grupos do passado: Soares dos Reis, Avelino, Castro, Nova, Alvarito, Sousa, Valdemar, Mota, Lopes Carneiro, A. Santos, Plíngia, Nunes, Carlos Mesquita... — pelo F. C. Porto; e uma selecção de outros clubes — Oliveira, Leonel, Queiroz, Casimiro, Minhoto, Reis, A. Pereira, Mansilha, Maximino, Pepe e Alípio. Mataram-se muitas saudades. O F. C. Porto, hábito: velho, ganhou por 4-2.

A receita de tão simpática festa foi entregue à família do indito Balbino.

### OS PORTUENSES VERÃO

#### JOGAR O VALENCIA

Jogam no domingo, no Campo da Constituição, os valorosos ex-campeões da Liga do país vizinho — o Valência. Os valencianos retribuem, deste modo, a visita feita pelos campeões nortenhos, que foram ali recebidos admiravelmente no princípio da época.

O desafio, como não podia deixar de ser, está a despertar muito inter-

## Assim mesmo...

**L**EMOS uma entrevista que, por oportuna, merecia ser conhecida dos leitores amigos do desporto portuense. Foi dada por Cabral de Matos, uma pessoa cheia de autoridade e de prestígio, e que ao Boavista tem dado uma colaboração eficaz, séria e bem esforçada.

Falando a propósito de anunciadas deserções, e muito especialmente duma afirmação produzida por certo jogador do popular clube do Bessa, Cabral de Matos condenou a sua atitude e garantiu que o Boavista, sacrificando-se constantemente, não está disposto a consentir no abandono ou abandonos em projecto.

Na nossa carreira de jornalista, que nos lembra, não há entrevista que prepare o ambiente à saída de atletas do meio onde foram criados. O que temos lamentado, isso sim, é a «corrida» de jogadores da sua região para fora, desfalcando-a e valorizando outras, rivas ou não. Temos dito e escrito que causa certa confusão no nosso espírito a maneira fácil como se consente na retirada de atletas que no Porto-cidade fazem falta. Se no seu clube, por motivos especiais, se não encontram bem — porque não ficam, pelo menos, no Porto?

Bem. Todos sabemos porquê... No entanto, e voltando ao assunto principal deste artigo, aplauda-se a decisão do Boavista, revelada por Cabral de Matos.

Um dos jogadores do seu clube, não sabemos se assediado, levantou a perturbação no grupo a que pertence, graças à guarida encontrada nas colunas dos jornais.

Repetimos que repugna a um sensato jornalista esta maneira de fazer «propaganda». Seria mais prático um anúncio no «Jornal de Notícias», nosso simpático diário noticioso. Mas Cabral de Matos, espontâneo e decidido, veio a público declarar-se surpreendido com a ingratidão e dizer que pelo seu clube está tudo resolvido: — o Boavista mantém-se firme, no seu posto, sabendo o que deseja e para onde caminha.

Pois muito bem. Defendemos a mesma doutrina de sempre garantindo ao Boavista e aos seus dirigentes que podem contar com o nosso aplauso. E' preciso que nos respeitem!

resse. O Valência possui jogadores de grande categoria, como Eizaguirre, Igoa, Mundo, Juan Ramon e outros, internacionais pela Espanha, e o F. C. Porto procurará certamente colocar bem o futebol nacional.

Sabe-se que o F. C. Porto trabalha também no sentido de corresponder à maneira simpática como o recebeu o Valência.

### O CICLISMO PORTUENSE

#### EM CRISE...

Apenas uma prova para independentes se efectuou este ano. Após essa corrida, algumas corridas para os rapazes que principiam.

Achamos muito pouco. Enquanto Lisboa, domingo a domingo, organiza corridas para todos os praticantes, o Porto limita-se a simples provas de estrada. Claro que esse desinteresse ha-de ter as suas consequências, mais tarde ou mais cedo, e principalmente quando os nossos corredores forem obrigados a provas duras.

É por demais sabido, e convém repetir, que os atletas treinam-se mais no decurso das provas. O simples «passeio» pelas estradas não conta grandemente. E quanto a provas de pista?

## Arbitros...

**N**ão será novidade afirmar que Augusto Pacheco, árbitro de Aveiro, desagrado por completo no jogo Porto-Benfica. Poderá supor-se que isso aconteceu devido ao facto dos campeões nortenhos perderem o desfilio. Mas não é assim.

O árbitro aveirense teve erros graves, prejudicando agora uns logo os outros, e consentindo que os jogadores enveredassem pelo jogo violento, veio a prejudicar, talvez sem querer, o conanto local.

Seja assim ou não, pois isto de impôr pensamentos pessoais é difícil, julgamos necessário lembrar a conveniência de fazer servir o futebol por árbitros que se não emboracem com a importância dos encontros e o nome dos clubes.

Também surpreende, e o caso não é para menos, a constante indicação de juizes já habituaados a ver em campo, sempre ou quasi sempre, as mesmas equipas! Se o leitor quiser dar-se ao trabalho de fazer uma leve investigação, encontrará dois ou três árbitros ligados a dois ou três clubes. Achamos que o caso merece ser revisito, o fim de se evitarem ramores e aborrecimentos.

O futebol é hoje uma coisa muito séria, digna, e é bom não brincar com ele.

O que mais pode embarçar os sentimentos da crítica imparcial é isto: — a influência de um juiz de campo no resultado final de um desfilio. E' necessário respeitar todos os direitos, mesmo que deles sejam portadores clubes modestos.

Compreendido?

## Curiosidades...

O acto da posse da nova gerência do F. C. do Porto foi muito concorrido, produzindo-se curiosas afirmações. A gerência anterior recebeu também os mais justos elogios.

❖ Causou impressão o resultado do jogo Porto-Benfica. Embora sem Joaquim e Carvalho, os portuenses jogaram para ganhar.

❖ As anunciadas transferências de Serafim e de Fernando Casido, devem ter sofrido rude golpe com as declarações do conhecido dirigente Cabral de Matos...

❖ ... Como todas as outras. Os principais clubes do Porto não estão dispostos a perder as suas «trafas».

❖ Se as equipas do Arsenal de Londres e do Valência jogarem no Porto, admitem-se «campos cheios». O público da capital do Norte merece bem esses dois desafios.

❖ O Campo da Constituição registou há 8 dias a maior enchente da sua história. O que será o F. C. do Porto quando tiver um Estádio?

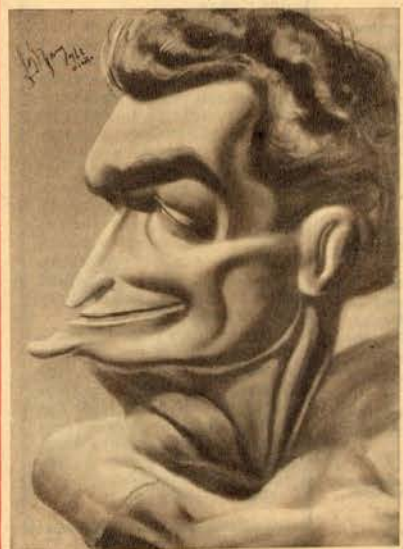


Agentes no Sul  
Equipauto, L<sup>da</sup>

Telefone 2 0123  
Rua do Telhal, 33  
LISBOA



BRANCO (da Académ'ca)



GALINHO (do Elvas)



VICTOR BAPTISTA (do Dentica)  
Caricaturas de Adriano



A regata final entre os apurados nas eliminatórias dos estabelecimentos de ensino liceal e técnico foi a melhor dos campeonatos escolares de remo. Escolas Ferreira Borges, Machado de Castro, Ulissiponense, Afonso Domingues e Casa Pia, precorreram com grande entusiasmo nos seus «volles» de 4 os 1.500 metros. O nosso instantâneo fixa o momento da chegada, quando a tripulação da Ferreira Borges corta a meta, seguida do barco do Colégio Ulissiponense. Os primeiros e segundos classificados nesta regata 1 — Escola Ferreira Borges. Da esquerda para a direita: Paiva, Salvador, José Manuel (timoneiro), Guimarães e Rocha. 2 — Colégio Ulissiponense: Boa Alma, Jaques, Carvalho (timoneiro), Albogues e Bino



João Lourenço começa brilhantemente a época, vencendo os 100 quilómetros contra-relógio



Uma fase do assalto entre José Figueiredo, da Mocidade Portuguesa, e Emílio Lino, da Sala Carlos Gonçalves, na 2.ª elimatória do Campeonato Nacional de Espada. Emílio Lino classificou-se em 4.º lugar